

UM JANTAR, NO "CLUBINHO", PARA COMEMORAR OS RESULTADOS DO II SALÃO PAULISTA DE ARTE MODERNA A ARTE, ACIMA DAS IDEOLOGIAS POLITICAS, DE TENDENCIAS E ESCOLAS

Reportagem de Domingos De LUCCA JUNIOR
Fotos de Antonio PIROZZELLI

PARA festejar a realização vitoriosa do II Salão Paulista de Arte Moderna e agora, após o seu encerramento, comemorar os resultados da respectiva premiação, realizou-se terça-feira passada, no Clube dos Artistas, um grande e animado jantar de confraternização dos nossos vários grupos de artistas plásticos. Elementos das mais variadas tendências compareceram, a fim de demonstrar que, acima dos debates estéticos e até mesmo dialéticos que se travam simultaneamente com as realizações objetivas da pintura, da escultura, da gravura, da cerâmica e da decoração, persiste — forte, coesa e fraterna — a união e a estima recíproca de todos os elementos, unidos pelas afinidades do trabalho, da paixão pela arte e pelo ideal da sua elevação.

Assim, no intuito de surpreender um aspecto dessa expressiva reunião do nosso clã artístico tão agitado e combativo nos últimos tempos, e também a fim de colher de vários elementos alguns juízos sobre o certame encerrado, resolvemos comparecer à festa do chamado Clubinho da rua Bento Freitas. E uma vez ali, pudemos realmente ouvir os vários "papas" das novas e múltiplas classes em que se divide e multiplica o agitado mundo da pintura de São Paulo às vésperas do quarto centenário...

em afirmar que outra igual só mesmo a realizada pelo Sindicato dos Artistas Plásticos e Compositores de São Paulo, há 10 anos."

"A classe se unificou e os artistas novos puderam aparecer e é o que interessa, pois o que vale mais uma medalha de ouro para Quirino da Silva ou para Segall? No entanto, para o iniciante constituir os primeiros louros de uma carreira que poderá se tornar brilhantíssima."

NOVAS PERSPECTIVAS

Geraldo de Barros, o moço laureado no concurso de cartazes do IV Centenário, perambulava sozinho pelo Clube. Acercamo-nos e ele, na forma calma de falar que o caracteriza, explicou: "Sobre o júri não



Flagrante do jantar de confraternização, vindo-se, da esquerda para a direita, Luis Saciloto, Waldemar Cordeiro e Geraldo de Barros

posso dizer muito, pois fiz parte dele. Contudo, acho que o II Salão abriu novas perspectivas. E' o início de um numero sem fim de mostras, onde poderemos apresentar artistas de todas as tendencias, organizadas e orientadas exclusivamente por eles mesmos."

Geraldo voltou-se e, antes disso, apontou-nos um jovem. "Aquele é Luis Saciloto, — adiantou — que ganhou o primeiro premio de pintura, no valor de vinte mil cruzelros."

Saciloto é vivo. Fala rapidamente, mexe as mãos como se não as pudesse ter paradas, ou como se quisesse pintar arabescos no ar enfumado da sala.

"Qual a diferença entre esta mostra e a do ano passado? — indagou, quando interpellado. Não poderei falar como espectador do I Salão, mas, pelo que ouvi dizer, este foi muito superior."

"A mostra de 1951 peçou por muitas coisas, mas passado é passado. Esta primou pela organização, correndo o seu exito pela disposição didática dada às obras expostas, possibilitando tanto a apreciação de um artista como a de um leigo."

"Ademais, neste salão houve unidade e compreensão e isso foi o principal, pois devemos encarar a

arte acima da politica, das escolas e das tendencias."

Saciloto foi juntar-se ao seu grupo. O ambiente era de ampla camaradagem. Cordeiro, com suas mãos imensas, bateu palmas, anunciando o inicio do jantar de confraternização. A frequencia do bar rareava, quando deixamos o Clube dos Artistas. Lá dentro, todavia, entre o tocar de copos e de garrafas, eles celebravam o inicio do que chamam "uma nova era". Fumaça, alcool, bons pratos — todos em paz. Depois, pintura, mostras e premios. Sempre assim, enquanto o mundo for mundo. De quando em vez, algumas discussões, desentendimentos, brigas mas, tambem, exposições "como a do Sindicato", conforme disse Rebolo em relação ao II Salão Paulista de Arte Moderna.



Rebolo: "Foi a maior mostra dos últimos tempos. Igual a esta só mesmo a do Sindicato, realizada há 10 anos. Velhos e moços uniram-se, demonstrando um espirito de classe nunca visto."

ELLES FALAM DELES

Waldemar Cordeiro, o brasileiro grandalhão com sotaque puramente italiano, sai de uma roda de amigos. No clubinho é dia de festa e a bebida corre tão gratis como os abraços, os sorrisos e os apertos de mão.

Waldemar sorri, ao comentar a mostra. E' um sorriso satisfeito. Deixando admirados os que sabem seu nome e o ouvem falar como um italiano, explica: "O II Salão foi uma vitoria. Houve harmonia e o ambiente foi democratizado. Esqueçamos as escolas e tendencias, para nos voltarmos para a arte. O fato é inedito. Não poderia ter sido melhor."

O escultor Francisco Rebolo Gonzalez, que fez parte do júri de seleção e premiação de pintura, empunhando um enorme copo, fala sobre o certame: "O que mais me impressionou foi o espirito de classe. As escolas se misturaram e os jovens, que mais precisam de incentivo, tiveram a sua oportunidade. O júri andou bem e, em se falando de mostras não tenho duvidas



Geraldo de Barros, jovem pintor que participou do júri do II Salão de Arte Moderna de São Paulo, não teve duvidas em afirmar o exito da mostra, salientando: "Este salão abriu novas perspectivas para os artistas plasticos. Nós organizamos a mostra, fomos representados no júri, o programa foi cumprido na integra, não houve queixas nem descontentamentos. A familia artistica de São Paulo vive uma grande jornada."



Luis Saciloto conquistou o primeiro premio e falando sobre a mostra não hesitou em classificá-la como a melhor de que já tivera conhecimento. "Houve criterio em tudo, coisa que, segundo ouço falar, não houve na do